

Juventude e participação política em África

Alcinda Honwana

Samussuku tinha apenas 3 anos em 1992 quando sua família fugiu de Moxico, durante a Guerra Civil em Angola. A família estabeleceu-se em Cacuaco, uma pequena cidade ao norte de Luanda. Na adolescência, Samussuku juntou-se a um grupo de hip-hop, e através do movimento hip-hop adquiriu sua consciência política. Como ele comentou, “as nossas letras eram contra a guerra, pobreza, fome, má educação e corrupção”. Inspirado pelas revoltas no norte da África em 2011, Samussuku esteve à frente das manifestações contra o regime de José Eduardo dos Santos. A maioria dos manifestantes eram jovens ligados ao movimento hip-hop; como Samussuku declarou: “nós trazemos o poder e a forte atitude do hip-hop para a política; lutamos sem paus, sem pedras, sem armas; lutamos com o poder de nossas palavras e nossa atitude desafiadora”. Samussuku foi um dos 17 jovens ativistas angolanos detidos em 2015 por conspiração contra o governo. Após seu julgamento e libertação, Samussuku e outros jovens de Cacuaco criaram o Projeto Agir, uma iniciativa comunitária voltada para a política e o desenvolvimento em nível local. E é através do engajamento local que eles continuam o seu ativismo.

Nas últimas décadas, os jovens africanos têm estado na vanguarda dos principais movimentos políticos em todo o continente¹⁹. Manifestantes desencantados enchem as ruas das capitais e cidades, frequentemente de forma pacífica, exigindo empregos, espaço político e melhores perspectivas para o futuro. As minhas pesquisas sobre juventude e movimentos políticos datam de mais de vinte anos, e durante este período surgiram novos ativistas, e novos movimentos sociais

19 O texto deste artigo foi traduzido da língua inglesa para o português por Sara Morais e Vinícius Venancio.

desenvolveram-se. Batalhas foram ganhas e perdidas, alianças foram construídas e quebradas, e esperanças foram levantadas e frustradas. Os movimentos sociais juvenis têm lutado para conciliar as suas intervenções de ruas com formas mais sustentáveis de engajamento político (Honwana, 2019).

Este artigo aborda os esforços desta geração em direção à sua emancipação política e sua luta por mudanças socioeconômicas. Explorarei as formas como os movimentos da juventude atuais estão aprendendo e vão sendo moldados pelos desafios dos movimentos anteriores desde 2011. Esta discussão será abordada a partir de três ângulos específicos: em primeiro lugar, *para além do líder*: o reconhecimento pelos jovens ativistas de que a partida do “inimigo comum” não constitui o fim, mas sim o início da luta pela transformação. Ou seja, substituir líderes políticos por si só não é suficiente, pois há um sistema político mais amplo, nacional e internacionalmente, que trabalha para se perpetuar. Em segundo lugar, *para além da rua*: a compreensão de que, ao lado de protestos de rua maciços, é vital empregar formas mais sustentáveis de engajamento comunitário, priorizando a política *bottom-up*. E, por fim, *para além do local*: a percepção de que a luta transcende fronteiras nacionais.

Waithood e ativismo político

A África é o continente mais jovem do mundo, com uma população de um bilhão ponto três, dos quais cerca de 77% possuem menos de 35 anos²⁰. Hoje, a idade média dos africanos é 19 anos²¹, e espera-se que essa tendência continue nas próximas décadas. Nesse cenário, os Estados Africanos têm falhado em oferecer a esta geração as condições básicas para que ela cresça e floresça (Honwana; De Boeck, 2005; Honwana, 2012, 2013).

Apesar dos extensos recursos naturais, o grande potencial agrícola, a população muito jovem e cada vez mais bem-educada, os Estados africanos continuam, em sua maioria, incapazes de desenvolver suas economias para atender aos interesses, às necessidades e às aspirações do povo. A má governança,

20 Cf. The children’s continent: keeping up with Africa’s growth, Youth Perspectives, World Economic Forum, 2020. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2020/01/the-children-s-continent/#:~:text=But%20in%20Africa%2C%20the%20average,world%20will%20be%20born%20here>. Acesso em: 4 jun. 2021.

21 Cf. WorldOMeter, African Population. Disponível em: <https://www.worldometers.info/world-population/africa-population/>. Acesso em: 4 jun. 2021.

as instituições fracas, a corrupção e o nepotismo agravam a situação, assim como as guerras em curso e os frequentes desastres climáticos que provocam deslocamentos populacionais e a instabilidade política. Além disso, o forte impacto de um sistema internacional voltado para a realização de lucros e o saque dos recursos naturais da África não ajuda as economias já fragilizadas. Politicamente, muitos governos africanos são marcados por fortes tendências autocráticas, falta de liberdades civis e liberdades fundamentais. O modelo liberal democrático, centrado nas eleições multipartidárias, tem se mostrado inadequado; a política gerontocrática, o desrespeito aos mandatos e a fraude eleitoral continuam a retirar os direitos dos cidadãos e a privá-los de voz política.

Em estudos anteriores, destaquei a noção de *waithood* como uma dimensão temporal na transição dos jovens para a idade adulta (Honwana, 2012). Examinei a *waithood* como um espaço que encapsula uma sensação de suspensão temporal na trajetória dos jovens. Como tal, a sua natureza não convencional e um tanto caótica abre espaço para a criatividade e para imaginar novas formas de ser (Honwana, 2012, 2013). À medida que os jovens constroem seus próprios novos espaços, formam seus futuros e suas próprias *adulthoods* (aquelas possíveis, considerando as circunstâncias), a *waithood* desafia as noções existentes de “futuro” como um emanado de eventos pré-determinados que se desdobram sequencialmente (Hoskins, 2016) Assim, *waithood* não deve ser entendida apenas como uma fase transitória entre um estágio e outro, ou entre o passado e o futuro, mas sim como uma condição em si mesma, com sua própria temporalidade e existência ôntica (Gupta, 2015).

É precisamente no contexto de *waithood* – como uma condição permanente – que os jovens africanos marginalizados estão lidando com sua situação e confrontando o *status quo*. A nova onda de ativismo da juventude foi cristalizada em 2011 após as revoltas norte-africanas, que deram origem a protestos públicos mais abertos e vociferantes em escala global (Branch; Mampilly, 2015; Philips, 2016; Aidi, 2018; Honwana, 2019). A paisagem atual do ativismo da juventude africana é multifacetada. Os jovens atuam em movimentos estudantis, associações culturais voluntárias, sociedade civil e organizações comunitárias, partidos políticos e movimentos sociais. Essas diferentes formas de organização buscam objetivos diversos, forjam uma infinidade de alianças e empregam uma variedade de estratégias sociais, políticas e culturais para alcançar seus objetivos.

No entanto, apesar de sua diversidade, todos esses grupos parecem compartilhar uma preocupação comum: um sentimento de privação e insatisfação e um anseio coletivo por mudança. Movimentos sociais inicialmente

impulsionados por questões de “pão e manteiga” muitas vezes se transformam em reivindicações políticas. A intersecção entre o socioeconômico, o cultural e o político parece ser central para as lutas desta geração. De fato, como apontou Augé, os movimentos de protesto contemporâneos não apenas contestam realidades socioeconômicas problemáticas, eles envolvem questões políticas mais profundas, incluindo o questionamento de “como a sociedade deveria ser” (Augé, 2014).

Embora o foco deste artigo seja a ação coletiva não violenta, creio que é importante notar o fato óbvio de que nem todos os jovens estão envolvidos em movimentos sociais e ativismo pacífico. Alguns não aderem à ação coletiva e, em vez disso, se concentram em suas necessidades pessoais imediatas. Outros optam por migrar e construir seus futuros imaginados em grandes cidades ou fora dos seus países, a maioria dos quais migram dentro do continente. Outros ainda são incitados a se juntar a gangues, forças rebeldes ou grupos extremistas radicais. No meu próprio país, Moçambique, um conflito armado tem persistido nos últimos três anos na província de Cabo Delgado. As autoridades moçambicanas consideram essencialmente uma agressão externa das forças jihadistas. No entanto, é claro que jovens moçambicanos marginalizados, desprivilegiados e desesperados em *waitbood* constituem a esmagadora maioria da força de combate. Há também aqueles que se encontram presos por pressões sociais. As mulheres jovens, por exemplo, estão geralmente confinadas às esferas domésticas devido a normas tradicionais e socialmente conservadoras que regem o lugar das mulheres na sociedade. Embora mais mulheres jovens estejam desafiando tais estereótipos, e há um número cada vez maior de mulheres manifestantes nas ruas hoje, muitas ainda estão sujeitas às normas culturais. Mesmo através de atos cotidianos despreziosos de desobediência e resistência, os jovens estão pressionando o sistema; o que Bayat chama de “a invasão silenciosa do cotidiano na política” (Bayat, 2010). De fato, as ações de todos esses grupos de jovens refletem sua consciência e sua resposta às falhas sociais existentes.

Para além do líder: confrontando o sistema

Um dos principais desafios enfrentados pelos movimentos de protesto dos jovens tem sido sua inabilidade em manter o ímpeto além da rua. Uma vez que o ditador cai, a unidade forjada nas ruas se dissipa à medida que jovens ativistas lutam para articular um novo papel político para si mesmos. E forças políticas mais estabelecidas intervêm para ocupar o vácuo político,

muitas vezes voltando à “política como de costume”, com pequenas mudanças cosméticas. Isso ocorreu no Egito, onde a mudança não trouxe transformação; tudo o que mudou foi a cara do ditador. O poder político e econômico permanece firmemente nas mãos da mesma velha aliança, que inclui altos líderes militares, barões da indústria e burocratas. Observamos tendências semelhantes na Tunísia, Senegal e Burkina Faso, onde os jovens permanecem decepcionados com novos líderes.

Mas os movimentos sociais dos jovens parecem ter aprendido algumas lições desse período, e estão se mobilizando para além do líder. Apesar de terem sido unificados contra Omar al-Bachir, os jovens manifestantes sudaneses não se contentaram com uma mera mudança de liderança quando ele foi deposto. Eles continuaram a luta contra o Conselho Militar Transitório, que tomou o poder depois de al-Bachir. Unidos em torno da Aliança pela Liberdade & Mudança, eles forçaram os militares a ceder o poder a uma administração civil. Em 2019, um governo de transição construído pela coalizão foi criado, junto com um Conselho Legislativo transitório, em 2021.

Da mesma forma, na Argélia, depois de expulsarem Abdelaziz Bouteflika em abril de 2018, jovens manifestantes continuam a lutar contra o “*le pouvoir*” (o poder) – um grupo de políticos, oficiais militares e empresários que dominam a política argelina. De fato, hoje a classe política que serviu sob o regime de Bouteflika ainda está no poder (Hamouchene; Oumari, 2020). O Movimento “Hirak” não aceitou as meias medidas e as reformas cosméticas oferecidas pelo novo regime; ele continua a protestar exigindo o fim do “hogra” (as humilhações da vida cotidiana). Desde 2019, todas as sextas-feiras jovens manifestantes organizam manifestações para exigir um governo civil democrático. Apesar das restrições da Covid-19, grandes manifestações de jovens marcaram o aniversário do segundo ano do Movimento “Hirak”, em fevereiro deste ano.

À medida que enfrentam má governança e líderes corruptos, os jovens ativistas passam a entender as limitações de efetivar mudanças significativas apenas trabalhando no âmbito doméstico. Eles percebem que o desafio que estão enfrentando vai muito além de suas fronteiras nacionais. De fato, o sistema neoliberal atravancou o papel do Estado, substituindo a propriedade pública pela iniciativa privada. Líderes do Sul global constroem laços estreitos com os ricos e poderosos no Norte global; e é comum que líderes antidemocráticos, incompetentes e corruptos no Sul global sejam tolerados, desde que não desafiem a agenda neoliberal hegemônica de nações poderosas do Norte global.

Para além da rua: intervenções na comunidade

A participação em movimentos de protesto pode ser transitória. Novos participantes a eles se integram; outros podem ficar desencantados com a luta ou serem cooptados para o sistema. Alguns são presos e até mortos, enquanto outros continuam o trabalho dentro da sociedade civil e no nível comunitário. A maioria geralmente evita as estruturas e ideologias políticas que transformam movimentos de protesto em partidos políticos formais. Muitos parecem rejeitar a ordem política estabelecida com base em modelos hierárquicos e autoritários de mobilização e de participação; recusam-se a entrar na arena da política multipartidária e da pseudodemocracia defendida pelas oligarquias que detêm o poder. A maioria dos jovens ativistas concorda que os partidos políticos operam em um domínio restrito no qual grupos de elite se revezam e competem entre si para controlar o poder, recursos e privilégios.

Em oposição ao *status quo*, jovens ativistas africanos estão se constituindo em associações voluntárias de cidadãos individuais, blogueiros e organizadores comunitários com base em abordagens descentralizadas e não hierárquicas. Esses grupos exibem políticas horizontais que rompem com a política partidária vertical e excludente (Sitrin, 2012). O ativista congolês Fred Bauma, do “*Lute pour le Development*” (LUCHA), explica:

nosso movimento é informal e horizontal; somos uma reação ou uma crítica à sociedade. Somos guiados por três princípios: (i) Responsabilidade coletiva – todos são líderes, e a responsabilidade é compartilhada; (ii) Tomada de risco coletivo – todos juntos nas ruas e proteção mútua; e (iii) Não-violência – sem pedras, sem queima de pneus, não-agressão. “Luchologia” é o programa de treinamento que criamos para passar esses princípios aos jovens que se juntam a nós.

No entanto, enquanto o horizontalismo coloca em primeiro plano a agência da juventude e sua capacidade de engajamento criativo, a sua natureza rizomática dificulta a disputa pelo poder político dentro das estruturas políticas verticais existentes (Deleuze; Guattari, 2004). No entanto, muitos jovens ativistas têm deixado claro que não desejam entrar no sistema formal dos partidos. Seu objetivo é desmontar o sistema e construir algo novo a partir de baixo. Embora alguns observadores considerem sua política impregnada de idealismo, não se deve descartar seu potencial impacto.

Isso ficou evidente na Tunísia, quando jovens ativistas que lideraram as revoltas de 2011 decidiram não se juntar a partidos políticos para disputar o poder a nível nacional. Em vez disso, os ativistas juntaram-se à sociedade civil e ao ativismo popular em várias associações cívicas e políticas no nível da base. Nas eleições municipais de 2018, muitos jovens tunisianos concorreram a cargos no governo local – mais de 50% dos candidatos registrados nas eleições locais tinham menos de 36 anos (Blackman *et al.*, 2018) e muitos foram eleitos prefeitos, secretários-gerais e vereadores. Uma pesquisa realizada pela Democracy International mostra que os funcionários municipais eleitos eram predominantemente jovens, mulheres, solteiras, desempregadas e sem experiência governamental prévia (Blackman *et al.*, 2018). Os resultados das eleições de 2018 foram uma prova do ativismo local de base dos jovens tunisianos.

Em Angola, jovens ativistas também estão preocupados com a política do governo local. Eles vêm mobilizando e realizando manifestações desde 2011. A detenção e o julgamento subsequente do “Revus” (abreviação de Revolucionários) em 2015 trouxeram atenção nacional para a contestação dos jovens ao *status quo*. Após a libertação, os ativistas se reagruparam e concentraram seu trabalho nas comunidades, estabelecendo organizações para enfrentar problemas mais localizados. Como o Projeto Agir, criado por Samussuku e seus colegas em Cacuaco, há também a Plataforma Cazenga em Ação, a “Libertadores de Mentés”, a Plataforma de Intervenção e o Movimento Revolucionário de Benguela, para mencionar apenas alguns. Esses movimentos têm adotado a questão dos municípios como central para sua luta; e todos convergiram para uma rede nacional chamada Movimento dos Jovens pelas Autarquias. Atualmente, os funcionários municipais de Angola são nomeados, não eleitos. Como Samussuku afirmou enfaticamente,

O presidente nomeia os 18 governadores provinciais; e os governadores nomeiam os 164 administradores municipais, que por sua vez nomeiam os 475 administradores dos distritos. O partido no poder tem total controle político em todos os níveis, e é por isso que eles não querem eleições municipais e as têm adiado há mais de 40 anos, apesar de a descentralização e o governo local estarem consagrados em nossa constituição.

Jovens ativistas em Angola percebem que têm mais chances de efetivar mudanças operando em nível municipal. Nas comunidades, eles apoiam jovens empreendedores, realizam campanhas de saneamento no bairro, reparo de infraestrutura local e outras intervenções semelhantes. Eles também organizam

“onjangos” (reuniões coletivas comunitárias) para discutir questões comunitárias e conscientizar os cidadãos sobre o processo de descentralização. Eles fazem as pessoas entenderem que suas privações socioeconômicas resultam da má governança e das políticas ruins que emanam das abordagens de cima para baixo do governo central. Samussuku ressaltou que seu trabalho está incorporado nas comunidades, pois “as pessoas nos respeitam pelo que fazemos, nos escutam porque defendemos os interesses da comunidade; e temos mais chances de sucesso politicamente nas comunidades onde trabalhamos”. Estes jovens ativistas entendem que os municípios podem oferecer empregos aos jovens; mas para além disso, os municípios também lhes oferecem a oportunidade de entrar na política em nível local para poderem promover a mudança desde a sua base.

O impulso para o engajamento da comunidade e a política local também tem sido uma característica no Sudão. Jovens ativistas sudaneses consolidaram sua luta criando os “comitês de resistência” – redes informais e populares em nível comunitário. A gênese dos “comitês de resistência” está ligada aos protestos de rua, pois emergiram ao lado de movimentos como “Girífna” (“Estamos fartos”, em árabe), um movimento estudantil que enfrentou o regime de al-Bashir. Os comitês de resistência envolvem uma ampla gama de atores na mobilização local, campanhas de desobediência civil, ações de apoio à comunidade e manifestações de rua. No ano passado, milhares de pessoas manifestaram-se em Cartum e outras grandes cidades para exigir a nomeação de governadores civis para substituir os governadores do antigo regime. Os comitês de resistência também estão engajados em atividades cotidianas, como limpeza de ruas, obras rodoviárias, reparos escolares e mercados solidários (onde os produtos são vendidos à comunidade a preço de custo). Eles também combatem a corrupção; por exemplo, enquanto o país vem enfrentando uma crise de pão, alguns comitês de resistência estão lutando contra o comércio ilegal de farinha (Debuyser, 2020).

Essa combinação de manifestações de rua com as ações dos “comitês de resistência” tem sido fundamental no processo revolucionário. O processo político no Sudão continua com manifestações renovadas contra o controle militar sobre a liderança civil. Os comitês de resistência se veem como os guardiões da revolução. Para os ativistas sudaneses, a revolução apenas começou. Como um jovem sudanês apontou, “precisamos estar atentos e continuar ajustando e corrigindo o curso de nossa revolução”.

De volta à Tunísia, a vitória dos jovens líderes nas eleições municipais abriu caminho para a eleição de Kais Saied para a presidência em 2019. Um grande número de jovens apoiou Saied, um professor de direito

constitucional que nunca pertenceu a um partido político e nunca ocupou um cargo político. Saied ofereceu uma agenda política para a descentralização do governo, que contornou os partidos políticos como atores chave no processo democrático. Como ele apontou, “a era dos partidos está acabando. As pessoas estão se organizando de uma nova maneira... o partido [político] está destinado a perecer...”. Saied propôs uma plataforma muito específica para a mudança: um modelo de baixo para cima através do qual os parlamentares seriam escolhidos entre funcionários eleitos do conselho local, ao invés de listas tradicionais de partidos políticos. A sua agenda política enfatiza a devolução de poder e recursos aos municípios, fortalecendo a sua capacidade de promover o desenvolvimento local e enfrentar os desequilíbrios socioeconômicos do país. A proposta de reformas constitucionais de Saied ressoa com a rejeição dos jovens ao sistema político atual e apoia o seu engajamento popular. Também representa uma ameaça direta ao *establishment* e aos interesses investidos que controlam o Parlamento e a política tunisiana há várias décadas.

Até agora, o governo de Saied tem lutado para realizar reformas políticas e o tão necessário desenvolvimento socioeconômico. E os jovens tunisianos continuam a protestar contra o ritmo lento das mudanças. Enquanto alguns jovens parecem permanecer firmes com Saied – culpando os partidos políticos no parlamento por bloquearem a agenda do presidente –, outros estão ficando cada vez mais decepcionados com a incapacidade de Saied de seguir em frente. A atual situação política na Tunísia ilustra claramente uma luta entre a “velha” e a “nova política”; entre as aspirações de uma geração mais jovem ansiando por mudanças políticas, e as ambições de uma geração mais velha agarrada ao poder.

Com esse impulso à política local, jovens ativistas no continente procuram libertar-se das restrições do sistema político existente. Eles estão conectando-se diretamente às massas, ligando as suas próprias queixas e aspirações às necessidades mais amplas das populações marginalizadas nas comunidades locais. Eles não estão buscando resolver as necessidades individuais, ganhando altas posições de poder; pelo contrário, eles estão focando em como construir coletivamente uma massa crítica que pode fazer a diferença e efetuar a mudança tão necessária. Através do engajamento popular, eles estão experimentando; eles estão se permitindo repensar e re-imaginar a “nova política” em condições de fragilidade econômica, privação social e liberdades restritas. Eles estão realmente tentando materializar “o poder do povo, para o povo e pelo povo”.

Para além do local: o novo Pan-Africanismo

O número de jovens africanos condenados à “sala de espera” da modernidade cresceu significativamente nas últimas décadas. Os seus sentimentos de impotência e privação são exacerbados hoje pela facilidade, impulsionada pela Internet e pelas redes sociais, com que estes podem comparar os seus recursos às suas oportunidades socioeconômicas cotidianas com o que beneficiam os mais afortunados e privilegiados neste mundo. Para muitos jovens, essa contradição tornou-se intolerável. Não mais conformados com seu destino, e em número crescente, os jovens africanos estão contestando a sua marginalização e a sua *waithood*, e estão tentando negociar novos termos de adesão à chamada comunidade global.

Além dos protestos nacionais e da política interna, jovens ativistas africanos estão se unindo e promovendo novas solidariedades entre países e continentes. Afrikki Mwindi é uma Coalizão Pan-africana de Jovens pela Mudança que reúne alguns dos principais movimentos sociais juvenis da África. Afrikki Mwindi estabeleceu a Université Populaire de l’Engagement Citoyen (UPEC), ou a Universidade Popular para o Engajamento dos Cidadãos, que oferece um fórum para forjar agendas e estratégias comuns; reforçar capacidades de ação coletiva; e criar espaço para repensar modelos políticos e de sociedade. Afrikki Mwindi inspira-se na resistência anticolonial de uma geração anterior, e seus membros citam Lumumba, Gandhi, Sankara, Fanon, Malcolm X e Mandela como alguns de seus ídolos. Desta forma, Afrikki Mwindi conecta o movimento anticolonial às lutas juvenis atuais no continente africano. Mas, como nos lembra Samussuku, “os legados coloniais continuam a ter um forte impacto na maneira como nos organizamos e colaboramos”. De fato, as barreiras linguísticas ainda restringem interações mais fortes entre os jovens africanos lusófonos, francófonos e anglófonos.

Para além das solidariedades desenvolvidas localmente, novos movimentos globais africanos estão sendo estimulados tanto dentro do continente como na diáspora. Movimentos transnacionais, como Rhodes Must Fall, EndSARS e Black Lives Matter, reconhecem experiências compartilhadas no Sul global, e nas experiências de Sul global dentro do Norte global. Por exemplo, Global Black Youth (GBY) é uma ampla rede que conecta e amplifica as experiências de jovens africanos e afrodescendentes na diáspora. A GBY está construindo um ecossistema vibrante de jovens negros disruptores contra as desigualdades e injustiças presentes em suas comunidades e sociedades.

A Juventude Negra Global esforça-se para mudar a narrativa em torno dos jovens negros, muitas vezes retratados como politicamente apáticos ou negativamente perturbadores. O objetivo do GBY é passar de uma perspectiva de deficiência e privação para uma perspectiva de criatividade, inovação e engajamento positivo, ressaltando a participação cívica e a liderança dos jovens negros em várias esferas em todo o mundo.

Esses movimentos pan-africanos nos mostram que os jovens entendem e estão aprimorando o seu poder do coletivo. Os jovens africanos no continente e na diáspora estão perturbando o *status quo* político, social, cultural e econômico (Honwana, 2012, 2013, 2019; Branch; Mampilly, 2015). Eles estão olhando para a história, enquanto empregam as ferramentas da modernidade para realizar mais plenamente o seu potencial. As suas formas horizontais, não hierárquicas e transversais de mobilização refletem a sua realidade global de interconetividade que rejeita clivagens coloniais históricas. Os jovens estão trabalhando localmente, mas articulando as suas estratégias globalmente.

A rejeição intransigente das culturas e práticas políticas atuais, pelos jovens ativistas, ressalta o potencial para repensar e redesenhar os limites da imaginação política, promovendo assim um novo paradigma político.

Eles estão olhando para além do líder, para além da rua, e para além do local. Eles estão reconfigurando criativamente os valores, os ideais e as práticas que irão incorporar a “nova política” que intersecta a luta pelo progresso socioeconômico com as liberdades civis e a emancipação política. Algo novo está sendo claramente articulado no repúdio implacável dos jovens aos modelos políticos existentes. Será que a política de base e as coalizões mais amplas da juventude poderão ser a resposta? Apenas o tempo nos dirá.

Referências

AIDI, Hisham. *Africa's new social movements: a continental approach*. Policy Centre for the New South. 2018. Disponível em: <http://www.ocppc.ma/publications/africa%E2%80%99s-new-social-movements-continental-approach>. Acesso em: 4 jun. 2021.

AUGÉ, Marc. *The future*. London: Verso, 2014.

BAYAT, Asef. *Life as politics: how ordinary people change the Middle East*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

- BLACKMAN, Alexandra; CLARK, Julia; ŞAŞMAZ, Aytuğ. Generational divide in Tunisia's 2018 municipal elections: are youth candidates different? *Democracy International*. 2018. Disponível em: http://democracyinternational.com/media/LECS_Policy%20Brief_Youth.pdf. Acesso em: 05 dez. 2021.
- BRANCH, Adam; MAMPILLY, Zachariah. *Africa uprising: popular protest and political change*. London: Zed Books, 2015.
- DEBUYSER, Claire. "We resist, we build, we watch" – in Sudan, neighbourhood resistance committees are the guardians of the revolution. 2020. Disponível em: <https://www.equaltimes.org/we-resist-we-build-we-watch-in?lang=en#.YLOH9JNKh-U>. Acesso em: 28 maio 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *A thousand plateaus*. Tradução de Brian Massumi. London; New York: Continuum, 2004 [1980].
- GUPTA, Akhil. Suspension: theorizing the contemporary. *Fieldsights*, 24 September 2015. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/suspension>. Acesso em: 26 maio 2021.
- HAMOUCHE, Hamza; OUMARI, Selma. The Algerian revolution: the struggle for decolonisation continues. In: SAAB, Jade (Ed.). *A region in revolt: mapping the recent uprisings in North Africa and West Asia*. Ottawa: Daraja Press; Amsterdam: TNI, 2020.
- HONWANA, Alcinda. *The time of youth: work, social change and politics in Africa*. Sterling: Kumarian Press; Lynne Rienner, 2012.
- HONWANA, Alcinda. *Youth and revolution in Tunisia*. London: Zed Books, 2013.
- HONWANA, Alcinda. Youth struggles: from the Arab Spring to Black Lives Matter & beyond. *African Studies Review*, v. 62, n. 1, p. 8-21, 2019.
- HONWANA, Alcinda; DE BOECK, Filip (Eds.). *Makers and breakers: children and youth in postcolonial Africa*. Oxford: James Currey; Trenton: Africa World Press; Dakar: Codesria, 2005.
- HOSKINS, Andrew. Memory Ecologies. *Memory Studies*, v. 9, n. 3, p. 348-357, 2016.
- LOWENTHAL, David. Death of the future. In: WALLMAN, Sandra. *Contemporary futures: perspectives from social anthropology*. London: Routledge, 1992. p. 23-35.
- PHILIPPS, Joschka. Crystallizing contention: social movements, protests and riots in African Studies. *Review of African Political Economy*, v. 43, n. 150, p. 1-16, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304364524_Crystallising_contention_social_movements_protests_and_riots_in_African_Studies. Acesso em: 28 maio 2021.
- SITRIN, Marina. *Everyday revolutions: horizontalism and autonomy in Argentina*. London: Zed Books, 2012.